FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES

CLÉBER FELIPE ARAÚJO BANDEIRA

O GRANDE VELEIRO NAVEGANDO PELO RIO MADEIRA: RELATOS DE AÇÃO EDUCATIVA EM UMA EXPOSIÇÃO EM PORTO VELHO

PORTO VELHO – RO
2023

CLÉBER FELIPE ARAÚJO BANDEIRA

O GRANDE VELEIRO NAVEGANDO PELO RIO MADEIRA: RELATOS DE AÇÃO EDUCATIVA EM UMA EXPOSIÇÃO EM PORTO VELHO

Monografia apresentada ao Departamento de Artes da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Martins Paros

PORTO VELHO – RO

2023

Catalogação da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

B214g Bandeira, Cleber Felipe Araújo.
O grande veleiro navegando pelo Rio Madeira: relatos de ação educativa em uma exposição em Porto Velho / Cleber Felipe Araújo Bandeira. - Porto Velho, 2023.

41 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Martins Paros.

Monografia (Graduação). Departamento de Artes. Núcleo de Ciências Humanas. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Arthur Bispo do Rosário. 2. Ação educativa. 3. Memória. 4. Sensibilidade. 5. Bordado. I. Paros, Felipe Martins. II. Título.

Biblioteca Central CDU 7

Bibliotecário(a) Marcelo Garcia Cardoso CRB-11/1080

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ARTES - PORTO VELHO

ATA DE DEFESA DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às 16 horas do dia 06 do mês de abril de 2023, realizou-se via Google Meet (https://meet.google.com/whi-qaif-nxe), a Sessão de Apresentação e Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "*O Grande Veleiro navegando pelo Rio Madeira: relatos de ação educativa em uma exposição em Porto Velho*", apresentado pelo acadêmico Cléber Felipe Araújo Bandeira, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento Acadêmico de Artes (Campus Porto Velho). O trabalho foi julgado **aprovado** pelos docentes integrantes da banca, os professores doutores André Luiz Rigatti e Osvaldo Augusto de Oliveira, ambos igualmente do Departamento Acadêmico de Artes (Campus Porto Velho), da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, com **nota 9,0**. Ressalta-se ainda que a defesa e aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso é considerado requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais, e que a banca indica que o mesmo deverá passar por uma última revisão ortográfica e gramatical, a qual supra alguns poucos problemas ainda encontráveis no texto atual. Será apenas depois de realizada essa revisão final, e da devida inclusão da ficha catalográfica, que o trabalho em sua versão definitiva poderá ser abrigado, tanto no site do Departamento de Artes Visuais, quanto no Repositório Digital da UNIR, e a nota final do acadêmico poderá ser incluída no SIGAA. Por fim, reaberta a sessão pública, o orientador proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai pelo mesmo assinada.

Documento assinado eletronicamente por **FELIPE MARTINS PAROS**, **Docente**, em 06/04/2023, às 18:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **OSVALDO AUGUSTO DE OLIVEIRA**, **Docente**, em 06/04/2023, às 19:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **ANDRE LUIZ RIGATTI**, **Docente**, em 07/04/2023, às 09:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1307806** e o código CRC **AB6EDC41**.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Martins Paros
Orientador

Prof. Dr. Osvaldo Augusto de Oliveira
Membro da banca avaliadora

Prof. Dr. André Luiz Rigatti
Membro da banca avaliadora

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, queria agradecer a Ele, por não permitir que minha consciência fosse tirada de mim, e por permitir que eu pudesse finalmente chegar a esse momento tão esperado por muitos, mas principalmente por eu mesmo.

Quero agradecer aos meus pais, Laura Araújo e Márcio Cléber Bandeira, por me apoiarem nessa ideia louca de querer ser artista e viver da minha arte. Sem o apoio deles nesses últimos 6 anos, nada disso teria sido possível. No começo tudo foi difícil, a adaptação à realidade foi dura e o futuro me parecia incerto. No meio de tudo, porém, sempre houve amor e respeito, mas também alguma impaciência seguida de perseverança. Palavras do tipo "está a tanto tempo que já seria médico" ... Entretanto, olhem só para mim: eu consegui! Quero agradecer também à minha irmã Eduarda Kethellyn, que teve o seu interesse pelas artes despertado pelas minhas experiencias na universidade, e que sempre demonstrou orgulho pelo que eu sou.

Gostaria de lembrar das minhas três "chefas", a quem devo muito também, por sempre me incentivarem a correr atrás do que eu queria, me derem oportunidades, verem em mim o que nem mesmo eu via: Lorena Luana, Sabrynne Sampaio e Betânia Avelar, vocês três, em momentos diferentes, me inspiraram com suas atitudes sobre mim, e me fizeram acreditar que era possível fazer o que eu quisesse fazer.

Claro que também devo muito aos amigos que me acompanham desde sempre: Vinicius Ferreira e Jéssica Alves (que me acompanham desde o Ensino Médio), Flávia Viana, Raquel Maia, Lucas Lavareda, Adriana Ferreira, Jennyfer Rebeca e Natalia Maria, que junto aos outros dois sempre estiveram comigo - me fazendo rir, chorar e esquecer de todos os problemas que tive na realização desse curso e desse trabalho de conclusão do mesmo, mas sempre me dando força e apoio para vencer e "ser o mais bem sucedido" entre nós.

Os meus agradecimentos também a três pessoas que, mesmo distantes, se fizeram presentes em todo meu processo acadêmico: meus amigos, Daiane Oliveira, Soul Ray e Priscila Pereira. Juntos, somos o nosso Quarteto Fantástico! Vocês foram minha força! Muito obrigado pela nossa amizade, por todas as ligações durante a madrugada, pelos desabafos constantes e por todo o apoio emocional de para com os outros. Também dedico aos meus amigos do "Sextou", sempre me incentivando a avançar em minha formação, me dando bons vinhos e provocando muitas risadas para desestressar em momentos difíceis: Patrícia Ramos, Eldilena Toscano, Walter Mouzinho e Augusto Sobreira, obrigado por todos os "Sextou"!

Não poderia deixar de me referir também às minhas amigas da Licenciatura em Artes Visuais. Afinal, elas me acompanharam por toda a minha trajetória na universidade, me incentivando e mostrando que *sim*, eu estava no lugar certo. Elas acreditaram em mim quando eu mesmo não acreditei: Marina Del Cármen, Pétala Rosalina, Jôsy Monteiro, Vitória Morão, Poliana Espindola, Leidaiane Sousa, Samara Ramos e Gui Ocampo. Gostaria de agradecer a vocês, de verdade, pois cada uma da sua forma e do seu jeito, esteve presente na minha formação, e me ofereceu incentivo para que eu encontrasse, enfim, o rumo da minha conclusão do curso.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer, e muito, a todos os meus mestres que, nos últimos 6 anos, me viram crescer, florescer e descobrir quem eu sou como pessoa, como profissional e como artista:

Ao Professor André Luiz Rigatti, obrigado por literalmente ter segurado na minha mão, e me mostrado que eu não precisava saber desenhar para estar no curso, naquela sala cheia de alunos incríveis e superestimados entre si. Graças a você, eu não desisti logo no começo! À Professora Pritama Morgado Brussolo, obrigado por ter sido uma mãe para mim dentro do curso! Você me viu crescer, me apoiou nas ideias mais loucas que eu já tive, me ensinou a ser artista e me mostrou um caminho até então desconhecido para mim. Me confiou a função de vice coordenador, mesmo ainda tão inexperiente, em seu projeto de extensão, me mostrando que em algum lugar, eu era bom nessas coisas. À Professora Samira Margotto, obrigado por ter ministrado a disciplina "Práticas Curatoriais" em 2019. Foi ali que me descobri de verdade no curso, e entendi que também queria ser um curador, que a minha paixão era estar em uma galeria! Através da sua experiência, obtive uma maior compreensão do mundo da curadoria.

Ao Professor Osvaldo Augusto de Oliveira, obrigado por sempre me alegrar nos dias de tristeza, quando tudo me parecia perdido e acabado. Você foi o primeiro que chegou até mim para dizer as coisas que eu não queria ouvir, mas precisava. Naquele dia em que eu queria desistir de tudo, me sentindo na beira da praia querendo falecer por desistência, a sua mão me puxou para a realidade, e hoje eu estou aqui.

E claro, agradeço também ao meu orientador, Professor Felipe Martins Paros, que mesmo com todo esse jeito reservado, suscinto e de poucas palavras, teve a paciência de me orientar, insistindo em mim por mais de ano. Finalmente, ele vai conseguir se livrar da peça rara que Deus lhe enviou para testar sua paciência!

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta um relato e reflexões sobre o desenvolvimento das atividades relacionadas à exposição *O Grande Veleiro*, a qual aconteceu em Porto Velho em abril de 2022, realizada pelo SESC Rondônia em parceria com a Casa de Cultura Ivan Marrocos, produzida pelo autor deste trabalho. O artista abordado naquela exposição, Arthur Bispo do Rosário, foi considerado louco, e por isso subjugado e deixado à margem. Porém, isso não o impediu de construir uma impressionante enciclopédia poética, com a finalidade de (re) apresentar o Mundo a Deus – sua obra mudou a forma como vemos a arte produzida por esquizofrênicos. O objetivo deste trabalho foi traçar uma linha, partindo da trajetória do artista (sua vida e obra), que me permitisse a descrição e análise dos materiais educativos que tem sido disponibilizado a docentes das cidades que vem recebendo a exposição. Por fim, apresentamos o relato de uma atividade de arte-educação que foi desenvolvida junto a um grupo de senhoras com mais de sessenta anos, vinculadas à instituição que realizou o evento. Através desse relato, buscamos mostrar como as memórias pessoais e coletivas são um fator importante, para o despertar da sensibilidade no processo do fazer artístico de cada um.

Palavras-chave: Arthur Bispo do Rosário; Ação Educativa; Memória; Sensibilidade; Bordado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Arthur Bispo do Rosário vestindo seu *Manto da Apresentação* (1943)

Figura 2. Arthur Bispo do Rosário. *Eu preciso dessas palavras escritas* (s/d)

Figura 3. Arthur Bispo do Rosário. Manto da Apresentação (s/d)

Figura 4. Arthur Bispo do Rosário. *Celeiro do Galinho Verde* (s/d)

Figura 5. Arthur Bispo do Rosário. *Cadeira e Correntes* (s/d)

Figura 6. Vista geral da miniexposição *O Grande Veleiro*, na Casa de Cultura Ivan Marrocos (2022)

Figura 7. Interação de visitante na abertura da exposição *O Grande Veleiro*, na Casa de Cultura Ivan Marrocos (2022)

Figura 8. Material *Bispo para Educação* (2012)

Figura 9. Prancha Arthur Bispo do Rosário. *Eu Vim (jaqueta)* (s/d)

Figura 10. Prancha Colônia Juliano Moreira. *Moendo Cana F698 "orfa"* (s/d)

Figura 11. Prancha Jacarepaguá. *Comitiva* (s/d)

Figura 12. Prancha Arte e Loucura. *Cadeira e Correntes* (s/d)

Figura 13. Prancha Arte Contemporânea. *Muro no Fundo da Minha Casa* (s/d)

Figura 14. Quebra-Cabeça Grande Veleiro em Aquarela. (2015)

Figura 15. Jangada com jogos lúdicos expostos na visita da escola (2022)

Figura 16. Tabuleiro montado do "Jogo do Bispo" (2022)

Figura 17. *Senhoras* produzindo em grupo I (2022)

Figura 18. *Senhoras* produzindo em grupo II (2022)

Figura 19. O *Manto* e as *Senhoras* (2022)

Figura 20. Apresentando as instalações (2022)

Figura 21. Uma mãe e seu pequeno (2022)

Figura 22. Uma tarde com Murilo Braga (2022)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS 7
INTRODUÇÃO 9
CAPÍTULO 1 – CONHECENDO ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO 12
CAPÍTULO 2 – "BISPO PARA EDUCAÇÃO" E "CAIXA DOS ESCOLHIDOS" 17
CAPÍTULO 3 – UM RELATO DE OFICINA COM A TERCEIRA IDADE 22
CONSIDERAÇÕES FINAIS 27
ANEXO DE FIGURAS 30

INTRODUÇÃO

Ao ingressar no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Rondônia no ano de 2016, estava totalmente perdido, sem expectativas de permanecer e sem nenhum conhecimento do que seria de fato o curso, mas conforme fui frequentando as disciplinas nos primeiros meses, senti que aqueles estudos me serviriam para algo no futuro, então decidi investir na conclusão da mesma e em me descobrir enquanto artista, pesquisador ou docente.

Desenhei, pintei, modelei, esculpi, gravei, editei, lecionei, mediei, refleti, critiquei, mas sentia que algo estava faltando. Em 2019, me matriculei na disciplina "Práticas Curatoriais", e já na primeira aula uma explosão de sentimentos, ideias, questionamentos e desejos tomaram conta de mim: naquele momento, percebi que aquela era minha vocação - colocar "a mão na massa" dentro de galerias, museus e instituições culturais, sempre em contato com as pessoas e promovendo eventos. Depois, ao chegar ao quarto módulo de estágio supervisionado, precisei procurar por uma instituição cultural para realizá-lo. Foi quando tive o meu primeiro contato com o SESC Rondônia, e muitas portas se abriram.

Sempre fui um aluno envolvido com todos os espaços culturais que me eram acessíveis, seja na universidade ou nos que se ocupam de difundir a arte e a cultura na cidade de Porto Velho. Atuei em eventos da Pró-reitoria de Cultura, Extensão e Assistência Estudantil da UNIR, da Casa de Cultura Ivan Marrocos, do SESC Rondônia, da Secretaria Estadual de Educação de Rondônia, e até mesmo de forma independente com artistas locais, sempre buscando me desenvolver como acadêmico e profissional, e criando conexões em cada um desses locais e eventos.

Desta forma, o que apresento neste trabalho de conclusão de curso está diretamente relacionado a acontecimentos ocorridos em 2020, quando uma técnica das artes visuais do SESC Rondônia me convidou para trabalhar junto a ela em alguns eventos na cidade - eventos esses que aconteceriam no decorrer do primeiro semestre do ano em questão. O principal deles seria uma pequena exposição sobre o trabalho artístico de Arthur Bispo do Rosário, intitulada *O Grande Veleiro* - um projeto do SESC Brasil em parceria com o Museu Arthur Bispo do Rosário de Arte Contemporânea, que vem percorrendo todo o país, levando em um "veleiro" a história de vida e a obra poética de um "louco" que acreditava ter como missão criar uma "enciclopédia material" que abarcasse todos os objetos do nosso mundo.

Porém, por conta de uma impensável pandemia que abarcou esse mesmo mundo inteiro, todos os nossos planos precisaram ser engavetados, as peças encapadas com uma lona azul e deixadas no canto de um teatro, e a história que seria contada foi adiada por quase dois anos. Confesso que não esperava estar na nova equipe de montagem quando tudo voltasse ao normal, mas, felizmente, um novo convite foi feito e foi dada a partida para que o veleiro de Bispo do Rosário navegasse pelo Rio Madeira, chegando enfim até a galeria de arte da Casa de Cultura Ivan Marrocos.

Após o fim daquela exposição, decidi que relataria, em meu projeto de conclusão de curso, minha experiência enquanto produtor, montador, articulador, arte-educador e oficineiro durante os meses em que a mostra ficou aberta ao público. O foco maior estaria sobre o processo, uma ação específica de arte-educação, igualmente desenvolvida por mim, e que se deu junto a um grupo de mulheres com mais de sessenta anos, integrantes do projeto *Terceira Idade* do SESC Rondônia.

Particularmente, como arte-educador, acredito que todos podem e devem ter acesso a experiências com todos os tipos de meios expressivos, dessa maneira explorando e desenvolvendo suas sensibilidades através da arte. E enquanto curador portovelhense, acredito que minha missão profissional e pessoal é a criação de ambientes nos quais as pessoas de minha terra natal, de todas as faixas etárias, "artistas" ou "não-artistas", possam se encontrar para vivenciar a arte de maneira individual ou coletiva, com o intuito de (se) descobrirem e se (re) conhecerem da cultura local, além de sua própria história de vida.

Tendo tudo isso em vista, a ação de arte-educação referida acima tinha como objetivo a confecção de uma peça coletiva a partir do exercício das sensibilidades individuais e, principalmente, do resgate de memórias afetivas daquele grupo. Além disso, eu quis proporcionar uma vivência através da qual aquelas senhoras pudessem resgatar memórias afetivas através da costura e do bordado - o qual está geralmente ligado à experiência feminina em ambiente familiar, mas que foram os principais meios de expressão de Bispo do Rosário. Por fim, a ideia era que essa peça coletiva fosse exposta dentro da galeria de arte da Casa Ivan Marrocos, incluindo aquele grupo de senhoras enquanto artistas dentro da exposição, acessível ao público portovelhense.

É sobre essas experiências que trato nesse trabalho de conclusão de curso, que está estruturado em três capítulos: no primeiro, *Conhecendo Arthur Bispo do Rosário*, apresento alguns aspectos da vida e da obra de Arthur Bispo do Rosário, incluindo suas experiências antes do primeiro surto esquizofrênico, seus anos como interno da Colônia Juliano Moreira, sua

“enciclopédia de obras” e os relatos de como foram realizadas as suas primeiras exposições. Como minhas principais referências aqui, comparecem textos de Maria Esther Maciel (2008) e Frederico Morais (2013), dois grandes especialistas sobre a vida e a obra do artista.

Já no segundo capítulo, *“Bispo para Educação” e “Caixa dos Escolhidos”*, apresento uma breve descrição dos componentes do material educativo que foi especialmente produzido para a exposição, o qual foi uma referência muito importante para este trabalho e para o trabalho que desenvolvi junto ao público. Abordo aqui aspectos de suas características físicas e funcionalidade, apresentando também algumas fotos do mesmo com o objetivo de ilustração.

Por fim, no terceiro capítulo, *Um relato de oficina com a terceira idade*, apresento justamente meu processo de concepção da atividade já mencionada anteriormente, e um breve relato de como foi, efetivamente, a sua realização junto àquele grupo. Trago aqui Fayga Ostrower (1978) como referência, a qual me ajudou a refletir sobre a questão da sensibilidade imbricada no ato de produzir arte. Como encerramento, apresento dados sobre os números que alcançamos com as visitas escolares, de instituições de ensino superior e público.

***

CAPÍTULO 1 – CONHECENDO ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Arthur Bispo do Rosário (Figura 1) nasceu no interior sergipano em 1909, mas só começou realmente a sua jornada pessoal em 1927, quando se alistou na Marinha de Guerra na cidade do Rio de Janeiro - lugar que o acolheu por nove anos, e no qual viveu os eventos mais importantes de sua vida. Tornou-se lutador de boxe, chegando mesmo a ser campeão da categoria peso-leve. Porém, por conta de seu temperamento difícil e de sua rejeição às diversas regras que o cercavam, acabou pedindo desligamento da Marinha, abandonando assim a carreira militar. Depois, chegou a trabalhar em diversos ramos, até que precisou se afastar por conta de um acidente que esmagou um de seus pés, e que também o tirou em definitivo da carreira de boxeador.

Em 1938, aos 29 anos de idade, ele vivenciou um de seus primeiros surtos alucinatórios, o qual resultou na sua primeira internação no antigo Hospital Nacional dos Alienados, na região da Praia Vermelha. Tendo sido diagnosticado como esquizofrênico paranoide[1], acabou por ser enviado para a Colônia Juliano Moreira, no bairro carioca de Jacarepaguá, ficando lá por algum tempo. Chegou mesmo a ser internado de tempos em tempos em outros hospitais, sendo que nessa alucinação-revelação que o levou a ser internado pela primeira vez, viu sua própria figura descer dos céus acompanhada por sete anjos. Naquele momento, começou a andar por ruas desertas até chegar ao Mosteiro de São Bento, em um famoso outeiro no Centro Histórico do Rio de Janeiro, apresentando-se ali como "aquele que veio julgar os vivos e os mortos". Eis o segundo marco da sua jornada pessoal, relatado pelo próprio através de um de seus mais célebres estandartes (Figura 2).

Nas suas muitas idas e vindas entre a liberdade e o confinamento, Bispo do Rosário passou a ficar definitivamente internado na Colônia Juliano Moreira, onde chegou a permanecer em uma mesma cela por três meses. Ao sair dela, alegou ter tido uma nova visão, na qual vozes lhe diziam para que, a partir daquele momento, se ocupasse de uma única e importante missão: *representar todas as coisas e objetos existentes na Terra para o Dia do Juízo Final*. Dessa feita, trancou-se por conta própria em outra cela por longos sete anos, e de acordo com a poeta e escritora brasileira Maria Esther Maciel (2004, p. 17), para o cumprimento da mesma:

---

[1] A esquizofrenia é subdividida em tipos. No caso da esquizofrenia paranoide, a mesma caracteriza-se pela presença de ideias delirantes relativamente estáveis, frequentemente de perseguição, no geral acompanhadas de alucinações e perturbações das percepções. É um transtorno que pode durar dias, levando o paciente a não entender mais a si mesmo e o lugar onde se encontra. Sua origem é incerta, por isso desperta tanta curiosidade em estudiosos no mundo todo, pois muitos fatores podem acarretar prejuízos ao portador. Ver SILVA, Amanda Mendes et.al (2016)

> [Bispo do Rosário] buscava sua matéria-prima (sic) no cotidiano mais imediato, nos redutos marginalizados da pobreza, no agora de sua própria experiência: sapatos, canecas, pentes, garrafas, latas, ferramentas, talheres, embalagens de produtos descartáveis, papelão, cobertores puídos, madeira arrancada das caixas de feira e dos cabos de vassouras, linha desfiada dos uniformes dos internos, botões, estatuetas de santos, brinquedos, enfim, tudo o que a sociedade jogou fora, tudo o que perdeu, esqueceu ou desprezou.

Bispo costumava mesmo recolher, ou mesmo receber e aceitar, todo e qualquer tipo de material que fosse desprezado ou abandonado pelos cantos da Colônia, e foi a partir dele que construiu as suas obras, as quais configuram uma estética singular dentro da arte contemporânea brasileira. Em 1982, participou de sua primeira exposição, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com o título de *Margem da Vida*. Logo após esse importante evento, muitos outros convites lhe foram feitos, porém os recusou todos: *não se declarava artista e nem queria se separar de suas peças, as quais tinham como único objetivo serem apresentadas a Deus, o qual ele considerava seu Pai*.

No documentário intitulado *O Prisioneiro da Passagem* (1982), realizado por Hugo Denizart, é o próprio Bispo quem afirma: "*É aqui no hospício que eu vou me apresentar, que eu devo ser apresentado à Humanidade. Por seus diretores até aqui, frades cardeais, ninguém conseguiu ver Cristo, mas agora vão encontrá-lo porque eu vou me apresentar. Vou me transformar a fim de me apresentar a Ele que é meu vigário, mais nada*". Nessa mesma entrevista, afirmou mais uma vez ser Filho de Deus, o próprio Cristo, e ainda revelou que muitos outros internos o reconheciam como Salvador e o seguiam fielmente, aguardando junto a ele pelo Juízo Final, e acreditando ter chance de conhecer o Pai através de seu Filho.

Bispo do Rosário criou então a sua peça mais emblemática, a mais reconhecida e apreciada de toda a sua obra: O *Manto de Apresentação* (Figura 3). A produziu costurando, bordando e pintando a partir de retalhos de tecidos (inclusive de uniformes dos internos), para ser o traje que usaria no Dia do Juízo Final. O manto em questão é especial por vários motivos, entre eles a delicadeza e o empenho depositados nele durante sua concepção e produção, além das diversas alegorias bordadas por toda a sua extensão. Seu verso está repleto dos nomes das pessoas que conviveram com o artista dentro da Colônia Juliano Moreira, as quais seriam os "mais especiais entre os especiais": *os primeiros a serem citados para o Pai*. E para além do *Manto da Apresentação*, Arthur Bispo do Rosário construiu diversas outras peças, as quais podemos classificar como um tipo de "enciclopédia híbrida", as quais fogem dos padrões convencionados pela arte pré-estabelecidos na época. Vejamos o que diz também sobre isso,

Maria Esther Maciel (2008, p. 118):

> Nesse sentido, pode-se afirmar que a enciclopédia de Bispo incorpora o que os enciclopedistas franceses excluíram de seu projeto com o propósito de torná-lo exequível: as redundâncias, os restos, os saberes e coisas inclassificáveis, a matéria-prima da experiencia vital, os registros das margens, enfim, tudo o que poderia ser colocado sob o rótulo abrangente e impreciso do "*et cetera*". Daí que ela se aproxime menos das enciclopédias sistematizadas da era moderna do que dos modelos enciclopédicos anteriores ao século XVIII (em especial o de viés renascentista) e das obras enciclopédicas de escritores e artistas contemporâneos [...] que criaram, cada um à sua maneira, verdadeiros antissistemas de ordenação.

Ainda segundo autora (2008, p.118), é fundamental "*tomar a obra de Bispo como enciclopédica e reconhecê-la como uma intrincada rede de saberes sobre as coisas do mundo"*. Afinal, ele recolhia materiais do cotidiano com o claro intuito de ajustá-los, configurá-los, até mesmo "melhorá-los", renomeando-os e ressignificando-os através de sua visão singular e transfigurada da realidade. Em seu acervo, podemos encontrar obras compostas por garrafas, tampas de vários tipos, colheres, barbantes, sapatos, peças de roupa, alicates, martelos, vassouras, rodos, maletas e muita madeira, entre outras coisas. Tudo era passível de ser ressignificado em sua missão de *representação* e *re(a)presentação* do mundo. Bispo era, por assim dizer, um especialista em transformar "sucata" em arte.

Além disso, era extremamente organizado, registrando suas obras sob um sistema próprio de catalogação e em uma espécie de fichário de tecido, o qual continha múltiplas referências sobre os materiais nelas presentes - tais como cores, marcas, quantidades e modos de uso. Outro aspecto que chama a atenção entre os procedimentos utilizados pelo artista é o seu sistema de nomeação das obras, valendo-se de títulos ora mais explicativos, como no caso do *Celeiro do Galinho Verde* (Figura 4), ora mais objetivos, como em *Cadeira e Correntes* (Figura 5).

Artur Bispo do Rosário foi retirado de sua reclusão, e devidamente apresentado ao mundo, pelo crítico, curador e historiador da arte mineiro Frederico Morais – grande estudioso de sua vida e obra até então ocultas dentro das paredes mofadas das celas em que viveu por décadas. Morais foi coletando os fragmentos de sua vida um a um, reunindo-os em uma biografia. Dessa maneira, ajudou a quebrar os estigmas de "doente" e "prisioneiro do sistema" que lhe foram impingidos. E em 1990, um ano após a morte de Bispo, foi realizada também, no Museu de Arte da Pampulha (Belo Horizonte – MG), a exposição *Registros de Minha Passagem pela Terra*, com curadoria do próprio Frederico Morais, a qual, além de apresentar uma

amostragem considerável de suas obras, trazia também informações mais claras a respeito de sua turbulenta passagem por esse mundo.

De acordo com Morais (apud Salete, 2019), *"enquanto viveu, Bispo do Rosário protegeu sua obra como quem protege um bem precioso, um tesouro, dificultando ao máximo o acesso a ela e recusando-se a exibi-la."*. Dessa forma, o artista não só preservou a sua própria história e seus objetos pessoais, como auxiliou também na criação do mito ao redor de si e de suas peças, as quais só foram devidamente apresentadas ao grande público após sua morte, graças a esse mesmo crítico/curador que compreendeu as forças que o moveram durante a vida. Forças essas que ainda são capazes de dar origem a acaloradas apreciações e debates estéticos/conceituais na arte, além de político-sociais no campo da psiquiatria.

E até aquele momento, pouco realmente se sabia sobre a família de Bispo do Rosário e seus primeiros anos de vida, pois o próprio se negava a falar sobre esses assuntos. Além disso, nas suas fichas de internação, as informações nem sempre coincidem. Só se podia mesmo ter certeza dos fatos registrados a partir do momento em que ele ingressou na Escola de Aprendizes Marinheiros de Sergipe, em 1925, sendo que ele foi transferido para o Rio de Janeiro antes mesmo de completar 15 anos de idade. Foi só a partir desse marco que a história de Bispo começou a ser registrada com alguma clareza. Mas com o resgate e a devida análise do seu material, Frederico Morais acabou tendo acesso a muitos tópicos importantes registados pelo artista em suas diversas obras.

Muito do que foi bordado, pintado, esculpido, costurado, amarrado e até mesmo enrolado por ele, se referia às suas viagens e experiências tanto em terra firme, quanto em alto-mar: a partir das memórias de seus verdes anos em embarcações da Marinha de Guerra, Bispo nos conta das suas aventuras, em grandes tecidos bordados e em objetos que ele mesmo construiu, tais como os *veleiros* e as *jangadas* - réplicas em miniatura dos barcos nos quais navegou e que são veículo de todo um imaginário dessas experiências do passado. Em seu acervo, comparecem muitas referências a essa época, não apenas nessas réplicas de embarcações, mas também em estandartes, outros tipos de bordados, desenhos e mais. E foi justamente desse período tão importante de sua vida que nasceu então a miniexposição lúdica *O Grande Veleiro*, com o qual me envolvi direta e intensamente, tanto como produtor quanto arte-educador.

Produzida pelo Serviço Social do Comércio (SESC), a referida miniexposição se baseia em uma pequena seleção de obras de Arthur Bispo do Rosário sob a temática das embarcações, mas não só, e parte de releituras de algumas delas para a instauração de um espaço lúdico

através de um projeto cenográfico específico. Ela passou a viajar todo o território brasileiro valendo-se justamente da rede de unidades do SESC Nacional e de uma parceria com o Museu Bispo do Rosário de Arte Contemporânea (localizado na antiga Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro), levando histórias e suscitando apreciações e debates em torno da vida e obra desse instigante artista junto ao público em geral, inclusive em Porto Velho, onde foi montada na Casa de Cultura Ivan Marrocos, no centro da cidade.

A miniexposição (Figura 6) é composta por um espaço interativo em que crianças, jovens e adultos podem conhecer a trajetória de Arthur Bispo do Rosário através de jogos dispostos em módulos autoportantes[2] em forma de imãs, com placas de metal (Figura 7). Exemplos deles são as peças de dominós com imagens de obras do artista, o "Quebra-cabeça do Veleiro", um jogo da memória com desenhos de sua autoria, um alfabeto baseado em sua caligrafia para que se possam formar palavras, entre outros. Ela também conta com um Espaço de Leitura com livros sobre a vida e obra de Bispo, um "Mapa da Passagem de Bispo pela Terra" organizado de forma cronológica destacando as principais movimentações em sua vida, além de velas de navio cenográficas que evocam os grandes veleiros e jangadas que são o ponto de partida do projeto.

Bancos oferecem um ponto de descanso para que se possa também assistir o documentário *O Prisioneiro da Passagem*, o qual é exibido em uma TV em looping, e em cada cidade pela qual a miniexposição passa, os panos triangulares das velas cenográficas sofrem diversas interferências realizadas pelo público dentro de oficinas previamente planejadas. Ou seja, ao continuarem percorrendo o Brasil, elas se tornam um registro coletivo que vai dando origem a um conjunto de obras confeccionadas a partir da aproximação do público com a matéria das vivências e memórias desse grande artista.

Todo o meu processo de envolvimento com esse projeto junto ao SESC Rondônia, em Porto Velho, será abordado no capítulo seguinte. Ele inclui o desenvolvimento de pesquisas e a minha participação em diversas ações prévias a miniexposição, sendo que também estive envolvido na curadoria, na organização e na produção, além de ter sido o responsável pela concepção e realização das visitas mediadas, além de oficinas, voltadas ao público de escolas e da cidade em geral (essa será a parte merecedora de maior destaque). Será, portanto, o meu relato pessoal da visita do Grande Veleiro de Arthur Bispo do Rosário às margens do Rio Madeira, o Gigante Rondoniense no Coração da Amazônia.

[2] Estrutura cuja estabilidade é mantida com o apoio de uma única extremidade, configurando três painéis altamente magnetizados, para que se pudesse afixar o material educativo disponibilizado pela própria mostra.

CAPÍTULO 2 – "BISPO PARA EDUCAÇÃO" E "CAIXA DOS ESCOLHIDOS"

Os preparativos para a miniexposição *O Grande Veleiro* começou ainda em 2019, durante um estágio feito por mim no setor de Cultura do SESC. Naquela ocasião, fui convidado pela técnica em artes visuais daquele setor para atuar como mediador e oficineiro, desenvolvendo atividades de arte-educação junto ao público de escolas que visitariam o espaço. Na época, planejava-se utilizar a antiga Galeria de Artes da instituição, localizada no SESC Centro, ao lado da Central dos Correios. Mas, por conta dos atrasos no envio dos materiais relativos, e de processos burocráticos relacionados à cidade anterior em que miniexposição se encontrava, foi definido que, em Porto Velho, o processo só se efetivaria mesmo durante o primeiro semestre de 2020.

Enfim, em janeiro do ano referido, foi entregue ao SESC Rondônia uma tiragem do material educativo da miniexposição: ao invés do formato mais comum de livro ou livreto, o mesmo é composto por uma série de onze pranchas em tamanho A3, com reproduções coloridas em alta qualidade de obras emblemáticas do artista na frente (entre elas, o *Manto da Apresentação*, além de diversos estandartes e assemblagens), e textos atrás divididos por temas ou seções - os quais oferecem diversas informações sobre a vida e a obra de Bispo do Rosário, mas também sugestões de uso e referências para pesquisa. Além disso, o conjunto de pranchas se encontra protegido em uma espécie de "bolsa com alça", feita de papel mais resistente, e está reunido sob o título de *Bispo para Educação* (Figura 8).

Na prancha intitulada "Arthur Bispo do Rosário" (Figura 9), somos apresentados à história de vida do artista de forma sintética. Em seguida, à história da criação da Colônia Juliano Moreira (Figura 10) no Segundo Reinado de D. Pedro II, e a sua trajetória de superlotação até ser transformada no museu que atualmente abriga as obras do artista: conforme o material, a Colônia chegou a ter aproximadamente cinco mil internos de uma só vez, tendo sido conhecida como uma verdadeira "Cidade de Loucos". E se já não bastassem os pacientes psiquiátricos, a instituição foi também um depósito humano de alcoólatras, epiléticos, sifilíticos, criminosos... pessoas consideradas "irrecuperáveis" pelos "padrões" sociais da época.

Nas pranchas subsequentes, o material também nos apresenta rapidamente Jacarepaguá (Figura 11) - o bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro onde fica o atual museu, e Japaratuba - localidade no Sergipe conhecida por ser o local de nascimento de Arthur Bispo do Rosário, mantendo nos dias de hoje um festival de artes em sua homenagem. Já na prancha sobre "Arte

e Loucura" (Figura 12), encontramos a afirmação de Frederico Morais (apud BISPO PARA EDUCAÇÃO, s/d, p. 12) de que "*não existe arte louca, assim como não existe loucura artística*". Na verdade, ele vai bem mais além, relacionando a questão à produção de Bispo do Rosário:

> Ainda que seja possível identificar uma vocação artística em Bispo antes de sua primeira internação, conforme afirmou Frederico Morais (2013), o fundamental é que nele existia um poder criativo possibilitando a construção poética de sua produção. Aqueles que reconhecem valor do trabalho de Bispo do Rosário, mas que não o consideram artista por conta de seu estado mental, parecem partidários de um purismo academicista e esquecem que Bispo do Rosário era, para além da esquizofrenia paranoide, um homem como qualquer outro e, por isso, sua obra deve ser considerada. A desqualificação da sua arte por conta de sua condição de paciente psiquiátrico é uma redução das possibilidades da Arte, retirando-a do lugar da criação e de instrumento de manifestação da pulsão da vida. (MORAIS apud BISPO PARA EDUCAÇÃO, s/d, p. 12)

Nessa mesma prancha, conhecemos ainda algo do trabalho realizado por Nise da Silveira, médica psiquiatra que junto do artista Almir Mavignier, introduziu e desenvolveu um novo método para trabalhar com psicóticos através da arte e da terapia ocupacional:

> No Brasil, na década de 1940, foi a médica psiquiátrica Nise da Silveira que introduziu e desenvolveu um novo método para trabalhar com psicóticos no antigo Hospital Pedro II, no Bairro do Engenho de Dentro, na Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro. Ela fundou, em 1946, a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação, que reunia alguns dos internos do hospital em um ateliê que contava com a monitoria do artista Almir Mavignier. Para a médica, o ateliê tinha como propósito a terapia ocupacional, pois as imagens produzidas pelos pacientes poderiam dar pistas sobre as questões presentes em seus inconscientes, sendo encarados como documentos para a compreensão de seus universos interiores. (BISPO PARA EDUCAÇÃO, s/d, p. 12)

O material ainda nos apresenta uma breve discussão sobre a Arte Contemporânea (Figura 13), estabelecendo paralelos com a Arte Clássica, passando pela Moderna e chegando aos nossos dias. Segundo os seus autores, o termo seria "*uma daquelas denominações ainda em construção, talvez pela proximidade temporal na relação entre acontecimentos, reflexão e escrita*", e talvez seja por isso que ainda seja tão comum ouvirmos expressões tais como "*na Arte Contemporânea qualquer coisa é arte*" (Bispo para Educação, s/d, p. 14). Por fim, sobre Arthur Bispo do Rosário e seus pontos de conexão com as poéticas mais atuais, eles afirmam:

> Arthur Bispo do Rosário produziu sua obra mesmo antes do momento histórico em que se começou a discutir o que seja Arte Contemporânea. O

> artista viveu alheio aos eventos e convenções artísticas do seu período. Mesmo assim, seus trabalhos são constantemente relacionados, por exemplo, aos de Marcel Duchamp. Todavia, não é preciso fazer menção ao artista francês para se compreender a obra de Bispo do Rosário como relevante para a Arte Contemporânea. (BISPO PARA EDUCAÇÃO, s/d, p. 14)

À guisa de encerramento dessa pequena descrição do material educativo acompanhante da miniexposição, é importante comentar também as três propostas educativas que ele oferece para os seus usuários, para serem desenvolvidas tanto em sala de aula, quanto em algum espaço lúdico. Tendo as diversas imagens reproduzidas nas pranchas como ponto de partida, o material oferece justamente a oportunidade de que se possa abordar a obra de Bispo para crianças e adolescentes sem que seja indispensável uma visita à exposição.

A *primeira proposta* parte da ideia de "reorganização" e "(re)apresentação" do mundo presente na obra de Arthur Bispo do Rosário, e sugere que cada participante escolha um item simbólico e de valor sentimental, tais como roupas ou brinquedos. Partindo de uma dinâmica de apresentação, na qual cada um contará a sua história por trás da sua escolha, os participantes precisarão organizar uma "coleção do grupo", estabelecendo critérios tais como os de semelhança formal, nas cores e nas funções, ou então focando nas diferenças entre eles. Posteriormente, o grupo precisará nomear e montar uma miniexposição, produzindo etiquetas e texto explicativo, tais como nas que vemos nos museus e centros culturais.

A *segunda proposta* parte dos inventários de nomes que Arthur Bispo do Rosario realizava, das pessoas que viviam ao seu redor. É sugerido que cada participante cite, em voz alta, nomes de pessoas que já passaram por suas vidas, identificando quais delas já não fazem mais parte de seu imaginário cotidiano, dessa maneira instigando que mergulhem em suas memórias. Eles deverão anotar o máximo de nomes que conseguirem. Depois dessa etapa, todos deverão se sentar e conversar sobre a experiência de resgate desses nomes a partir de sua memória/imaginação.

Por fim, a *terceira proposta* se baseia nos bordados do artista, que representam episódios de sua infância até sua internação, e a partir dos quais ele criou mapas fantásticos ligando vários lugares, reimaginando diversos percursos de dentro dos muros da Colônia Juliano Moreira. A sugestão é que os participantes se unam em grupos ao redor de grandes cartolinas, podendo inclusive emendar algumas para ampliar o espaço da superfície, com o objetivo de retratar as suas vizinhanças, os lugares por onde passam cotidianamente, os espaços em que habitam ou com os quais tenham algum tipo de laço afetivo. A ideia é que, aos poucos, as paisagens irão se misturar, e eles precisarão organizar coletivamente o desenho.

Mas para além do "Bispo para Educação", havia também a chamada "Caixa dos Escolhidos" – um receptáculo repleto de jogos educativos, os quais foram essenciais em meu processo de compreensão da miniexposição como um todo, mas também no trabalho de mediação dela, uma vez que eram parte essencial daquela. Entre eles, havia um grande quebra-cabeça tamanho A4 de um *veleiro*, em aquarela[3]; um jogo de dominó que, ao invés de "pontos" em suas faces, possuía reproduções de obras de Bispo indicando as quantidades (Figura 15)[4]; e o chamado "Jogo do Bispo" (Figura 16): um jogo de tabuleiro um pouco à maneira de um "Jogo da Vida"[5], o qual era a peça-chave para se apresentar a história do artista ao público infanto-juvenil.

Esse jogo também é composto por "moedas-obras de arte" (pastilhas em forma de moeda com reproduções de obras de Bispo do Rosário em suas superfícies), e ainda por cartas com propostas de desafios diversos - tais como soletrações, mímicas, ou mesmo explicar o sentido de certas palavras - desenvolvidos a partir de eventos da vida e elementos presentes nas obras do artista. Praticá-lo antes da abertura da miniexposição foi importante para mim, pois através dele pude compreender melhor quem era Arthur Bispo do Rosário, sua obra e como havia sido a sua vida. Ele pode ser jogado por até seis grupos com quatro participantes cada e, como todo jogo de tabuleiro, é movido por lances de dados que indicam quantas casas cada pião poderá andar por rodada. Quando algum jogador cair em uma das casas chamadas "desafio", seu grupo deverá comprar uma carta dessa categoria, podendo realizar uma mímica ou desenho, partindo sempre de obras do artista. Ganhará uma moeda quem acertar primeiro qual é o objetivo do desafio.

Ao se continuar avançando, as equipes poderão também cair na casa "?", relacionada às cartas do tipo "dicionário", "pergunta" ou "soletração". Os conteúdos abordados por esse tipo de carta podem ser provenientes de áreas diversas, tais como matemática, língua portuguesa, geografia, história etc. Abrigando assim um caráter transversal. Vejamos um exemplo: um jogador pega uma carta do tipo "dicionário", e nela encontrará escrito que o grupo à sua esquerda deverá dizer o que significa a palavra "carbonizado", a qual pode ser encontrada bordada na obra *Venha as Virgens em Cardumes*. Existem também as chamadas "cartas-bispo" – um tipo de carta-coringa nas quais estão descritas curiosidades sobre o artista. Mas, ao mesmo

[3] Desenvolvido pela artista visual e designer Diana Gondim.
[4] Usou-se também uma versão em maior escala, imantada, a qual fazia parte da expografia da miniexposição.
[5] Essa caixa abrigava também uma réplica de um dos *veleiros*, igualmente produzida por Diana Gondim, sendo que os demais jogos foram produzidos sob consultoria da Curió Jogos, empresa fundada por Isabel Butcher e Graziela Grise.

tempo, quem pega uma dessas cartas pode retirar ou doar moedas para um grupo à esquerda ou à direta do seu grupo. Para vencer, não basta apenas chegar na linha de chegada: os participantes precisarão conferir se têm em mãos os sete modelos de moedas-obras de arte disponíveis no jogo. Se tiver, o grupo terá completado uma "exposição de arte", e vencerá a equipe que tiver mais "exposições de arte" em seu poder.

E foi só após toda a pesquisa e exploração prática dos dois materiais descritos, é que começaram os preparativos iniciais para a miniexposição, a qual estava programada para abrir ao público em meados de abril de 2020. Porém, na mesma semana que antecedeu a entrega dos documentos formais da instituição junto aos produtores da miniexposição, foi declarada oficialmente a pandemia de COVID-19, e todos os projetos ligados ao público geral foram suspensos e adiados. Portanto, foi necessário aguardar por mais algum tempo até que as atividades fossem se normalizando aos poucos, e os preparativos fossem retomados. Por fim, a exposição foi aberta ao público durante o período entre abril e maio de 2022, contando com ações educativas baseadas principalmente no "Bispo para Educação", mas também com uma oficina de customização de roupas especialmente planejada, que visava a ressignificação e reinvenção de peças de valor simbólico tendo como ponto de partida o *Manto da Apresentação*: o desafio era criar uma roupa para ser usada no dia do Juízo Final! No terceiro e último capítulo, apresentarei como foi desenvolvida essa oficina, a qual foi realizada junto a um grupo de visitantes muito querido vinculado ao SESC.

***

CAPÍTULO 3 – UM RELATO DE OFICINA COM A TERCEIRA IDADE

Agora, iremos relatar o que antecedeu a realização da exposição *O Grande Veleiro*: a descoberta desse artista brasileiro tão especial que navegaria pelo Rio Madeira e ancoraria seu veleiro em nosso velho porto, trazendo diversas discussões sobre Arte Contemporânea para a nossa região. Vimos até aqui alguns autores importantes para se compreender a vida e a obra de Arthur Bispo do Rosário, assim como os recursos fundamentais que compuseram tanto o espaço expositivo, quanto alimentaram as ações de cunho educativo: o material "Bispo para Educação" e os jogos da "Caixa dos Escolhidos". Porém, gostaria de finalizar esse texto descrevendo um pouco do trabalho que pude desenvolver junto à 3ª idade dentro desse projeto, concebendo uma oficina em que fosse possível resgatar memórias que alimentassem a produção de uma peça que representasse o(as) seu(as) criador(as), e se referisse ao mesmo tempo às questões presentes na poética de Bispo do Rosário.

Pouco antes da abertura oficial da miniexposição, pensei em uma oficina que pudesse ser realizada junto à comunidade em geral, mas que logo foi adaptada para dois tipos de grupo, que são: os calouros do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Rondônia (2021-2), e o grupo do TSI (Trabalho Social Idosos), a 3ª idade do SESC Rondônia, composto na sua totalidade por mulheres. Sendo assim, trarei aqui o relato da minha experiência de conceber, produzir e aplicar uma oficina para um grupo de senhoras com idades a partir de 60 anos.

Baseando-me nas propostas sugeridas no material "Bispo para Educação", meu objetivo com a oficina era, principalmente, apresentar a poética de Bispo do Rosário e seus processos de produção, para preparar o terreno para uma atividade que envolvesse costura, bordado e customização. À maneira do artista, a ideia era que as integrantes do grupo confeccionassem uma peça em tecido como um exercício de resgate de memórias que pudessem ser compartilhadas entre elas. Outro objetivo era "ativar" a sua sensibilidade através desse ato consciente e compartilhado de criar, pois, com afirma Fayga Ostrower (1978, p. 12), "*os processos de criação interligam-se intimamente com o nosso ser sensível. Mesmo no âmbito conceitual ou intelectual, a criação se articula principalmente através da sensibilidade*".

Ainda segundo Ostrower:

> Inata ou até mesmo inerente à constituição do homem, a sensibilidade não é peculiar somente a artistas ou alguns poucos privilegiados. Em si, ela é patrimônio de todos os seres humanos. Ainda que em diferentes graus ou

> talvez em áreas sensíveis diferentes, todo ser humano que nasce, nasce com um potencial de sensibilidade. (OSTROWER, 1978, p. 12)

É importante entender o que essa autora está chamando de *sensibilidade*, uma vez que ela afirma que todos os seres são portadores dela:

> [...] a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós. Na verdade, esse fenômeno não ocorre unicamente com o ser humano. É essencial a qualquer forma de vida e inerente à própria condição de vida. (OSTROWER, 1978, p. 12)

A herança genética também é um fator que está presente em cada um dos seres humanos, e Ostrower (1978, p.11) ainda afirma que "*o homem será um ser consciente e sensível em qualquer contexto cultural. Quer dizer, a consciência e a sensibilidade das pessoas fazem parte de sua herança biológica, são qualidades comportamentais inatas [...]*". Porém, ela completa dizendo que é impossível que um desenvolvimento unicamente biológico aconteça, uma vez que o comportamento do ser humano se molda pelos padrões em que se vive, ligado ao grupo em que ele nasce e cresce.

Os seres humanos são seres culturais, impregnados desde o início de suas trajetórias pela herança dos meios em que viveu e se desenvolveu. Isso já era válido para os homínidas pré-humanos, que foram se ramificando em espécies na linha de evolução do homo sapiens, e que se moldaram a partir de suas vivências e dos padrões existentes em seus grupos, sendo que o termo "homínidas" foi cunhado pelo pesquisador Graham Clarke, autor de *World Prehistory,* (1961, p. 26-27, *apud* Ostrower, 1978, p.13), obra na qual ele afirma que "*para se qualificarem como humanos, os homínidas teriam que justificar-se, por assim dizer, por suas obras; os critérios não são mais tanto biológicos como culturais*".

É, portanto, de grande ignorância, ou arrogância, acreditar que a sensibilidade seja um artigo de elite ou algo somente atribuído a "artistas", uma vez que podemos encontrá-la em todos os grupos sociais, independente de suas características biológicas ou de origem. Esse potencial para a sensibilidade no que concerne à arte é algo que se pode ajudar a reconhecer, desenvolver e aprimorar, e com o grupo que doravante chamarei de *senhoras*, não foi diferente. Muitas delas já haviam tido contato com a costura e o bordado, assim como Bispo do Rosário em sua juventude. Muitas delas também eram experientes artesãs, dando continuidade à saberes tradicionais passados por suas avós e mães.

Trabalhar a obra de Arthur Bispo do Rosário com as *senhoras* foi uma experiência incrível, pois pudemos trocar histórias relacionadas à família, trabalho, arte, cultura e muitas memórias afetivas em torno da costura e do bordado. Desde o primeiro dia das atividades, que aconteceram em dois dias, o artista foi apresentado e discutido, assim como sua história, obra e importância artístico-cultural. Todas se mostraram bastante sensíveis e receptivas.

A oficina baseava-se no *Manto da Apresentação*, produzido por Bispo, como já explicado no primeiro capítulo, para ser a vestimenta que ele usaria no dia em que finalmente se encontraria com Deus. Feita com a técnica de bordado fio a fio, o artista descosturava as roupas dos internados, e usava para costurar, embainhar, entrelaçar e prender materiais que ele ia encontrando ou recebendo. A peça, separada em duas faces, possui no interior um inventário de nomes que ele mesmo bordou, de pessoas que com as quais conviveu e que fizeram parte de sua história.

O ponto de partida da oficina era justamente (re)criar a partir de algo já criado, e cada senhora levou consigo uma peça de roupa branca. Tinham como desafio de sensibilidade, resgatar memórias e criar uma peça nova, mas que contasse a sua própria história, usando materiais achados em casa. Foi pedido que a imaginassem como a sua roupa de apresentação no dia do Juízo Final, tal como o *Manto*. No mesmo dia, todas finalizaram o trabalho, mostrando suas roupas umas para as outras, na mais pura animação. Logo, o grupo articulou entre si a confecção de outra obra - dessa vez, um pedaço de tecido de quase dois metros, que seria trabalhado em coletivo. Ao me questionarem se poderiam realizar tal atividade, percebi que todas gostariam de confeccionar em coletivo, então embarquei na ideia e construí o segundo dia de atividades com outra dinâmica, diferente da qual imaginei.

No dia seguinte, o grupo chegou com um tecido branco e com um desenho de uma criança de mãos unidas, como se estivesse em oração. Segundo elas, a imagem poderia representar Arthur Bispo do Rosário - um homem devoto de sua própria fé. Todas se juntaram em volta de uma grande mesa quadrada e produziram, em meio a histórias de seus passados, boas gargalhadas e muito bom humor, uma peça única (Figuras 17 e 18). Uma das *senhoras* relatou lembranças da mãe, que partiu faz muitos anos, porém lhe ensinou a arte do bordado como forma de obter algum sustento. Outra, com muita delicadeza, lembrou-se de reuniões femininas de família, nas quais sua avó ensinava técnicas de aplicação de flores de crochê para sua mãe, tias e primas.

Um terceiro relato, contava como era difícil a vida na comunidade em que a *senhora,* em questão, cresceu, uma vez que as mulheres da família faziam objetos de crochê, casca de

milho e palha seca para enfeitar os cabelos como adereços e criavam bonecas únicas e customizadas para que as meninas pequenas pudessem ter um brinquedo para brincarem. Já no meio de outro relato, uma das senhoras contou que em sua família o bordado e crochê não cabia apenas as mulheres, pois seu filho mais novo, entre os homens, treinava a costura para confeccionar peças de roupa para sua irmã mais nova, por conta da baixa renda de sua família.

Durante nossas conversas, uma delas notou bandeirolas bordadas, espalhadas pelos fios que interligavam os mastros das velas cenográficas, e me perguntou se aquilo era realmente da exposição. Eu contei que, em cada lugar por onde a exposição passou, os oficineiros também propuseram atividades baseadas em costura e bordado - a diferença é que eles usavam as bandeiras dos mastros dos veleiros. Após a finalização de cada exposição, eles juntavam tudo e enviavam para a próxima cidade com as outras partes da expografia, para que fossem expostos. Na sequência, todas perguntaram se com a obra coletiva também poderia ser assim – converter-se em uma peça integrada à exposição e seguir para outros estados. Quando disse que sim, todas ficaram muito felizes, e me disseram inclusive que, a partir daquele momento, elas também haviam se tornado "artistas", assim como Bispo do Rosário. Por fim, começamos a esticar um pequeno varal para esticar as peças produzidas, pendurando, arrumando e fotografando (Figura 19), e a grande peça coletiva ficou exposta por mais um mês na Casa Ivan Marrocos, sendo mostrada para todas as escolas que visitaram aquele espaço no decorrer das visitas agendadas. Depois disso, durante a desmontagem, embalei tudo e enviei com o resto do material para a próxima cidade: Boa Vista, em Roraima.

Além das *senhoras*, recebemos ainda visitas de estudantes de escolas estaduais que, graças a uma parceria com a SEDUC-RO, consegui agendar. Murilo Braga, Carmela Dutra, Castelo Branco, Carmosina, Classe A e Barão do Solimões estão entre as instituições que prestigiaram a miniexposição. Foi possível trazer também alunos de regiões mais periféricas de Porto Velho, sendo que, ao todo, atendemos 212 estudantes. No que concerne ao público em geral, atendemos 287 visitantes, em sua maioria de fora do estado. Muitos estavam visitando pontos turísticos da cidade e acabaram por dialogar comigo sobre *O Grande Veleiro*.

Acadêmicos provenientes de cursos de Artes Visuais, História, Geografia, Direito, Arquitetura, Medicina, Pedagogia, Música, Teatro e Produção Cultural, entre outros, também marcaram presença durante o decorrer dos meses, assim como artistas locais que já são frequentadores da Casa de Cultura Ivan Marrocos - esses prestigiaram a abertura, e visitaram o espaço com seus familiares. Sendo que muitos relataram ter ido até lá por conta da entrevista

que concedi para a TV, na qual contei um pouco sobre o artista, apresentei o conceito por trás do projeto.

***

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como produto, conseguir realizar o evento apesar de todos os altos e baixos, no fim o que valeu mesmo foi a sensação e a satisfação de ver as pessoas de Porto Velho se conectando a história e obras tão extraordinárias de Arthur Bispo do Rosário.

Com relação ao meu trabalho como arte-educador, guardo com muito carinho os momentos especiais que vivi junto das *senhoras.* Acredito que consegui os resultados que esperava, e ainda ganhei novas e boas amizades, sendo que registrei alguns desses momentos para mostrá-los aqui (Figuras 20 a 27): pode-se ver as pessoas interagindo, conversando, jogando e (re)conhecendo um artista tão impactante!

Após a realização da exposição, fiz um exercício de reflexão a respeito do meu envolvimento profissional com a exposição, desta forma, obtive um insight sobre a importância do meu papel enquanto curador, produtor e arte-educador.

Ainda existem poucos profissionais que se interessam por esse campo de atuação dentro da cidade de Porto Velho e em outros municípios de nosso estado, ademais instituições relacionadas a ele ainda não recebem o devido apoio por parte do poder público. Além disso, são poucos os profissionais em Rondônia que possuam uma formação consistente em arte. Vejo que terei muito trabalho, e que terei de ultrapassar muitas outras dificuldades, para realizar novos eventos, fazer novos contatos ou mesmo ajudar a criar uma rede de apoio com o curso e transpassar as fronteiras da Universidade.

Arthur Bispo do Rosário foi para mim, nesses últimos três anos, um exemplo de grande força interior, de uma inteligência fora dos padrões, de projeto e visão artística, de tudo. Aprendi muito com a exposição e com ele, com a sua história e sua obra. Desejo no futuro poder trabalhar em projetos ainda mais ousados, que tragam outros nomes fundamentais da Arte Contemporânea Brasileira para apresenta-los a nossa comunidade de Porto Velho, outros artistas importantes que nos ajudem a entender aqui como as várias maneiras através da qual o poético podem se manifestar, às vezes nos lugares em que menos se espera, ajudando assim também a dar visibilidade à nossa luta diária dentro das instituições artístico-culturais rondonienses, onde quase tudo ainda está por ser feito.

Porém, tenho a força de vontade necessária para fazer tudo isso acontecer!

REFERÊNCIAS

Livros e artigos:

JUNQUEIRA, Vevila. Arthur Bispo do Rosário: Arte além da loucura. **HUMANOS, Blog da Comissão de Humanidades Médicas do CFM**, 2018. Disponível em: <http://humanos.cfm.org.br/2018/11/08/bispo-do-rosario-pra-quem-nao-enxerga-nao-da-pe/>. Acesso em 02/10/2022.

MACIEL, Maria Esther. **A Memória das Coisas**: Ensaios de Literatura, Cinema e Artes Plásticas. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2004.

MACIEL, Maria Esther. A enciclopédia de Bispo do Rosário. **Outra travessia**, Ilha de Santa Catarina, n. 7, 2008, p. 117-124.

MORAIS, Frederico. Construindo uma biografia e Perguntas e Respostas. In: MORAIS, Frederico; CORPAS, Flavia (orgs.). **Arthur Bispo do Rosário Arte além da loucura**. Rio de Janeiro: NAU Editora, Livre Galeria, 2013.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

RODRIGUES, Ricardo Alexandre. **A poética de Arthur Bispo do Rosário**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

SALETE, Tania. "Dois Metros Acima do Chão" – as boas novas de Bispo do Rosario. Blog Não Palavra. 2019. Disponível em: <http://nao-palavra.blogspot.com/2019/04/dois-metros-acima-do-chao-as-boas-novas.html>. Acesso em: 19/11/2022.

SILVA, Amanda Mendes; SANTOS, Cláudio Alexandre dos; MIRON, Fernanda Meizi; MIGUEL, Nathalia Pedroza; FURTADO, Celine de Carvalho; BELLEMO, Ana Isabel Sobral. Esquizofrenia: uma revisão bibliográfica. **UNILUS Ensino e Pesquisa**, Santos, v. 13, n. 30, 2016, p. 18-25.

Filmes:

O prisioneiro da passagem. Direção: Hugo Denizart. Rio de Janeiro, 1982. (30 minutos, 26 segundos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8MzFTaOvsCQ&ab_channel=MuseuBispodoRosario >. Acesso em: 19/11/2022.

O Senhor do Labirinto. Direção: Geraldo Motta Filho. Rio de Janeiro, 2010. (80 minutos).

Reportagens de TV:

"O Grande Veleiro" é atração em Porto Velho. **Jornal de Rondônia 1ª edição**. Repórter: Jeferson Carvalho. Produção Rede Amazônica. 2022. <https://globoplay.globo.com/v/10468734/> acesso em 02 de janeiro de 2023.

Colônia Juliano Moreira. **Programa Fantástico**. Repórter: Samuel Wainer Filho. Produção TV Globo, 1980. (9 minutos, 5 segundos).

Material Educativo:

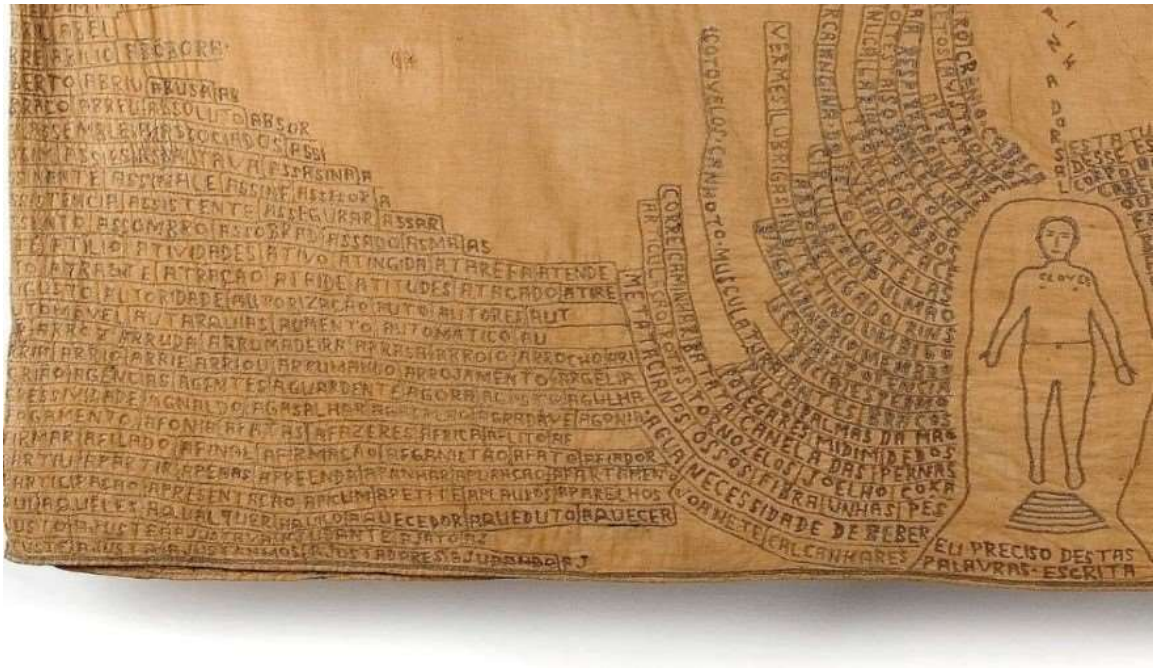
Bispo para Educação. Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Rio Saúde, Bispo do Rosário Associação Cultural, SESC. Rio de Janeiro, s/d.

ANEXO DE FIGURAS

Figura 1. Arthur Bispo do Rosário vestindo seu *Manto da Apresentação* (1943)

Disponível em: https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/

Figura 2. Arthur Bispo do Rosário. *Eu preciso dessas palavras escritas* (s/d)



Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Above-Eu-Preciso-Destas-Palavras-Escrita-I-Need-This-Words-in-Writing-Museu-Bispo-do_fig2_345398269

Figura 3. Arthur Bispo do Rosário. *Manto da Apresentação* (s/d)

Disponível em: https://museubispodorosario.com/acervo-2/manto/

Figura 4. Arthur Bispo do Rosário. *Celeiro do Galinho Verde* (s/d)

Disponível em: https://bemblogado.com.br/site/mostra-contextualiza-obra-de-arthur-bispo-do-rosario/

Figura 5. Arthur Bispo do Rosário. *Cadeira e Correntes* (s/d)

Disponível em: https://www.publico.pt/2012/11/29/jornal/arthur-bispo-do-rosario-inventario-antes-do-apocalipse-25668114

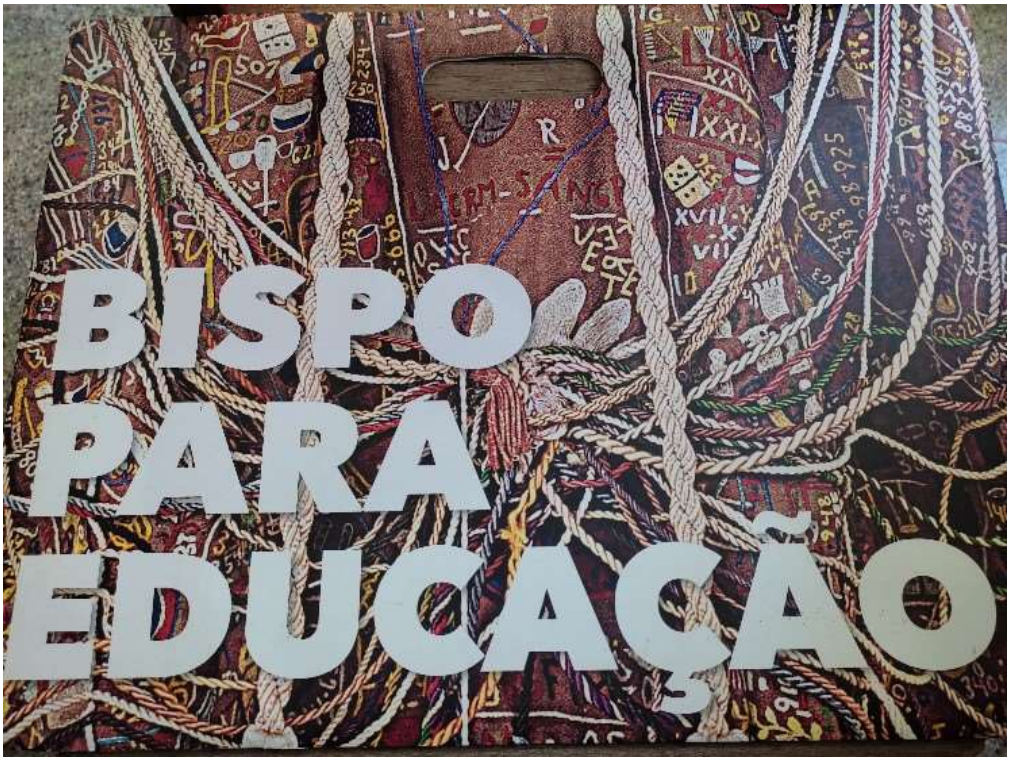
Figura 6. Vista geral da miniexposição O Grande Veleiro, na Casa de Cultura Ivan Marrocos (2022)

Fonte: Acervo Pessoal

Figura 7. Interação de visitante na abertura da exposição O Grande Veleiro, na Casa de Cultura Ivan Marrocos (2022)

Disponível em: Acervo Pessoal

Figura 8. Material *Bispo para Educação* (2012)

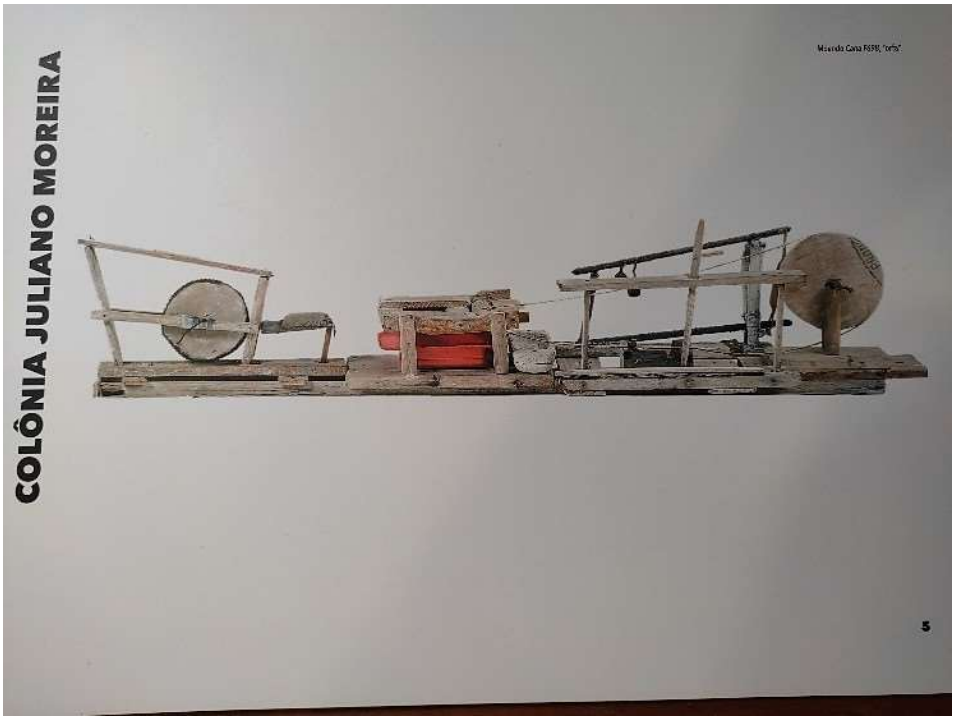


Fonte: Acervo Pessoal

Figura 9. Prancha Arthur Bispo do Rosário. *Eu Vim (jaqueta)* (s/d)

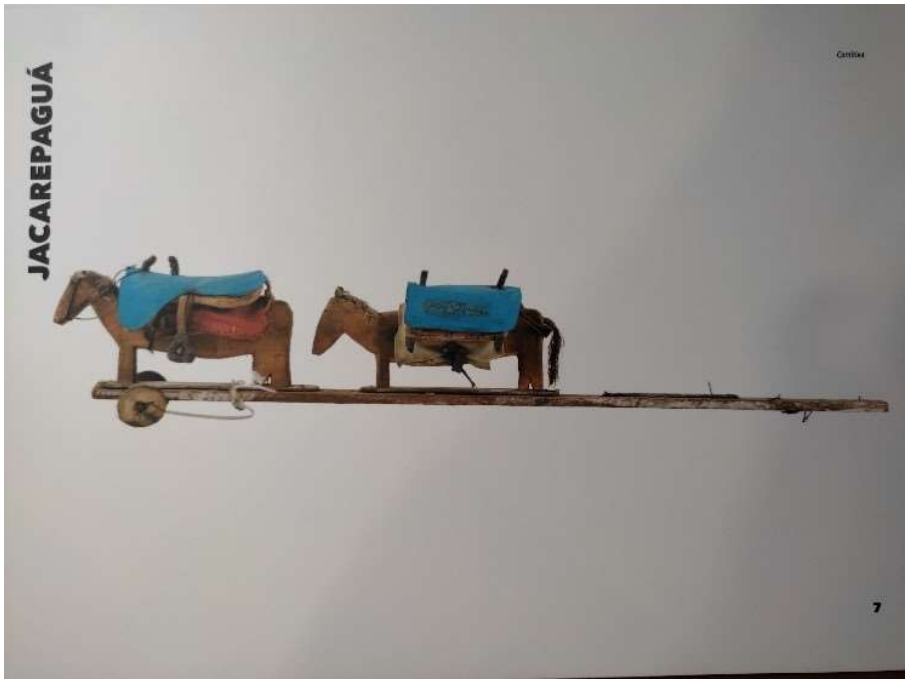
Fonte: Acervo Pessoal

Figura 10. Prancha Colônia Juliano Moreira. ***Moendo Cana F698 "orfa"*** **(s/d)**



Disponível em: Acervo Pessoal

Figura 11. Prancha Jacarepaguá. ***Comitiva*** **(s/d)**

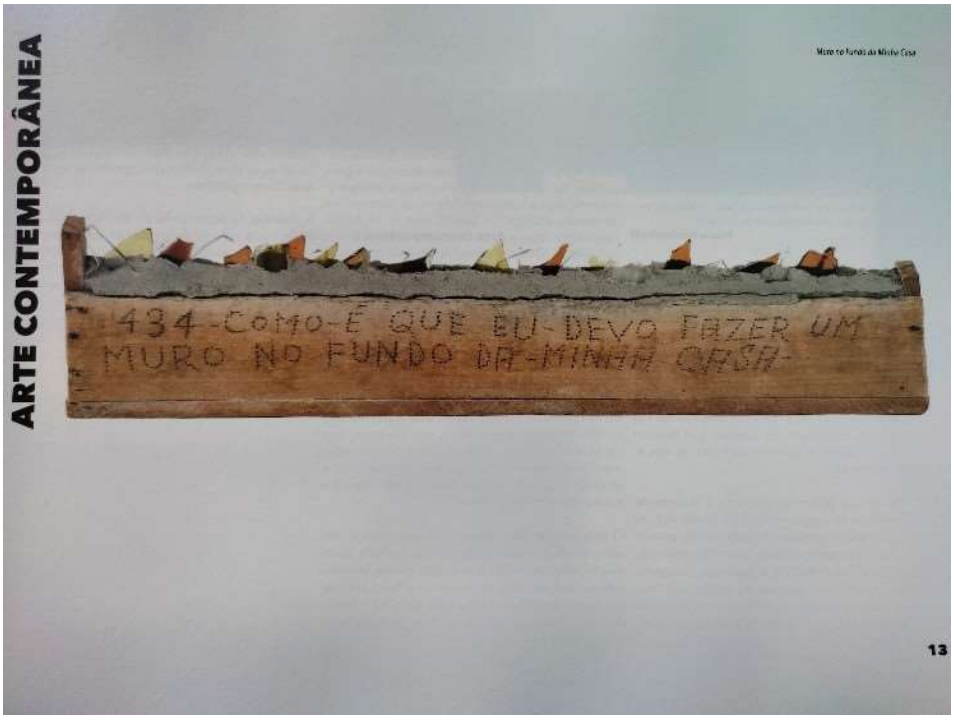


Disponível em: Acervo Pessoal

Figura 12. Prancha Arte e Loucura. *Cadeira e Correntes* (s/d)

Fonte: Acervo Pessoal

Figura 13. Prancha Arte Contemporânea. *Muro no Fundo da Minha Casa* (s/d)

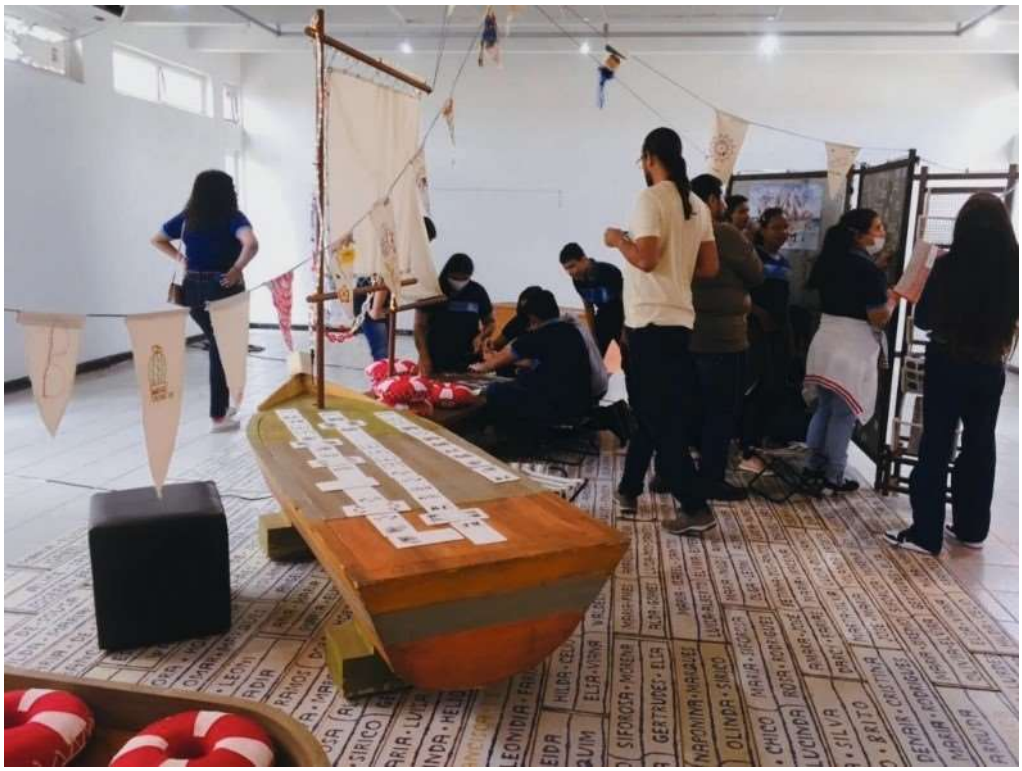


Fonte: Acervo Pessoal

Figura 14. Quebra-Cabeça Grande Veleiro em Aquarela. (2015)

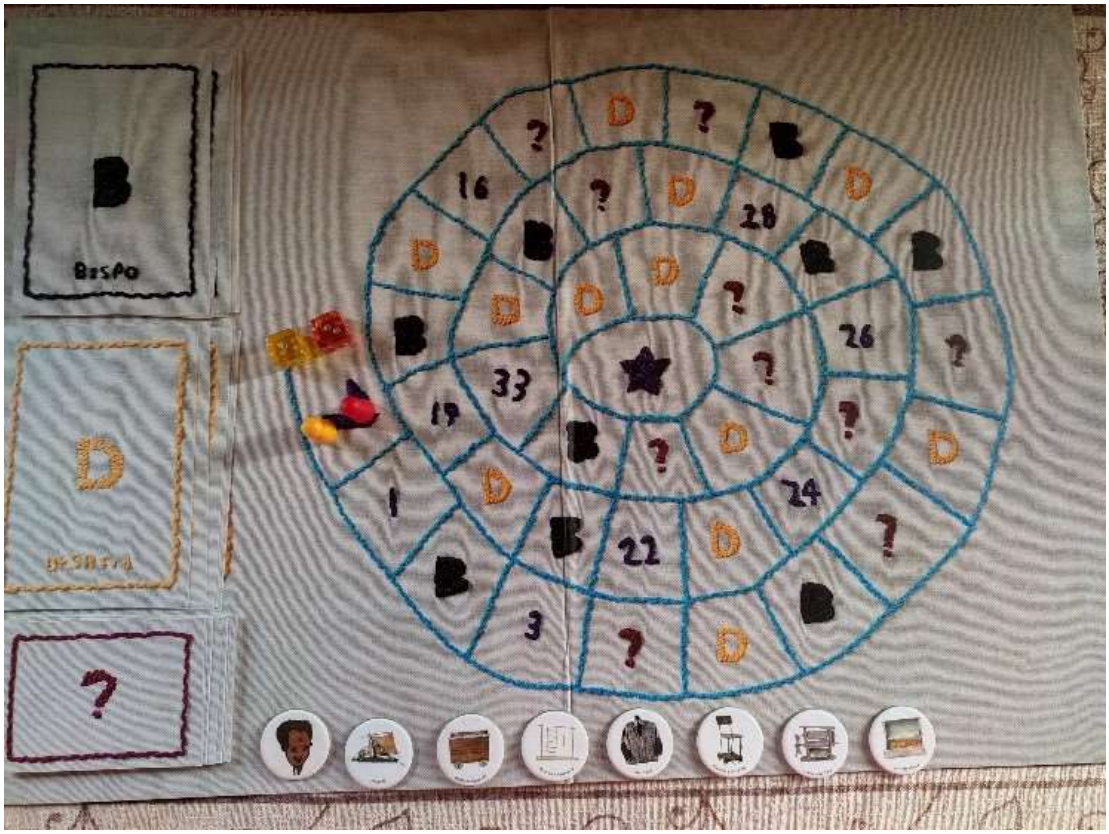
Fonte: Acervo Pessoal

Figura 15. Jangada com jogos lúdicos expostos na visita da escola (2022)



Fonte: Acervo Jamile Soares

Figura 16. Tabuleiro montado do "Jogo do Bispo" (2022)



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 17. *Senhoras* produzindo em grupo I (2022)

Fonte: Acervo Pessoal

Figura 18. *Senhoras* produzindo em grupo II (2022)

Fonte: Acervo Pessoal

Figura 19. *O Manto* e as *Senhoras* (2022)

Fonte: Acervo Pessoal

Figura 20. Apresentando as instalações (2022)

Fonte: Acervo Pessoal

Figura 21. Uma mãe e seu pequeno (2022)

Fonte: Acervo Pessoal

Figura 22. Uma tarde com Murilo Braga (2022)

Fonte: Acervo Pessoal